



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

O CULTO CRISTÃO: DESCREVENDO UM RITO PROFANO COMO FORMA DE ENTENDER O RITUAL LITÚRGICO DO CULTO

**Christian Worship:
describing an profane rite as a way of understanding the liturgical rite of worship**

Edson Ponick¹

Resumo:

O autor narra um “rito esportivo” relacionando suas diferentes características com o culto cristão. A partir disso, faz uma análise e tece alguns comentários com o objetivo de suscitar novas reflexões. Sem pretender idolatrar ou demonizar o evento esportivo em si, descreve o rito sob a forma de um culto, com o objetivo de relacionar a nomenclatura de um rito denominado *sagrado* com os objetos, gestos, momentos e espaços de um rito *profano*. O rito descrito é o jogo da final da Copa América de Vôlei, ocorrida no Ginásio de Esportes Celso Molmbach, em São Leopoldo, na qual jogou a seleção brasileira contra a seleção dos Estados Unidos.

Palavras-chave:

Rito. Culto cristão. Rito Sagrado. Rito Profano.

Abstract:

The author narrates a "sport rite" relating its different characteristics to Christian worship. From this, he analyzes and makes some comments in order to generate new ideas. Without wishing to idolize or demonize the sporting event itself, he describes the ritual in the form of a cult, with the aim of relating to the nomenclature of a sacred rite called with objects, gestures, moments and spaces of a secular rite. The described rite is the final game of the American Volleyball Cup, held in the Celso Molmbach Gymnasium, in Sao Leopoldo, in which the Brazilian team played against the U.S. team.

Keywords:

Rite. Christian Worship. Sacred Rite. Rite Profane.

¹ Possui graduação em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e em Educação Cristã pela Escola Superior de Teologia (1994). Cursou o mestrado na Escola Superior de Teologia (2005-2007) na área de Religião e Educação, com ênfase em educação comunitária na infância e na juventude. Atualmente é bolsista CAPES da Escola Superior de Teologia, cursando doutorado em Teologia. Contato: edsonponick@gmail.com

Os preparativos

Era domingo, mas poderia ser qualquer outro dia da semana. O culto havia sido amplamente divulgado e todos os fiéis estavam ansiosos e ansiosas para celebrar esse momento. Algumas pessoas esperaram para entrar no templo desde às 5h da manhã. Eu cheguei às 8h, e o culto estava marcado para às 10h.

Do lado de fora, havia pessoas vendendo vestes litúrgicas ou pequenos paramentos, usados pelos fiéis. O uso das vestes ou dos paramentos é uma forma de animar os ídolos no momento da celebração. As vestes litúrgicas também reforçam a identidade dos fiéis. Vindos de diferentes culturas, raças e credos, no momento do culto, todos se unem para venerar e adorar seus ídolos. Muitos fiéis já vinham paramentados de casa, com roupas ou com pinturas próprias para a celebração. Não por último, a originalidade de uma pintura, de uma roupa ou de um paramento poderia significar um momento de glória, caso fossem escolhidos para brilhar durante alguns segundos diante dos onipresentes e onipotentes olhos do grande deus da imagem, presente no culto naquele dia.

Como em outros cultos, os fiéis chegavam num clima amigável e familiar. As pessoas vinham em grupos: famílias, amigos da escola ou do trabalho. Os fiéis que já estavam sentados olhavam atentos, procurando conhecidos para convidá-los a sentar próximos e celebrar em conjunto. Quando chegavam, abraçavam-se, cumprimentavam-se e compartilhavam a expectativa e a alegria daquele momento especial.

Antes de o culto iniciar, o mestre de canto ensaiou os cantos de louvor e adoração, bem como as danças litúrgicas a serem repetidas inúmeras vezes durante a celebração. Todos os fiéis ensaiavam animadamente cada melodia, cada letra, cada coreografia.

O templo

O templo era enorme, com capacidade para aproximadamente oito mil pessoas. Olhando para o teto, com sua enorme abóboda iluminada, tinha-se a impressão de estar olhando para o céu. Todo o templo estava decorado e preparado para o culto daquele domingo. Havia paramentos enormes, de diferentes cores, pendurados em lugares estratégicos, anunciando o motivo do culto: A coroação dos ídolos que alcançassem a vitória.

O culto seria transmitido para todo o país pela maior rede de TV, o grande deus da imagem. Por isso, havia também uma enorme quantidade de equipamentos e câmeras de filmagem – os olhos onipresentes e onipotentes –, algumas fixas sobre tabuleiros, outras acopladas a pequenos guindastes, que permitiam tomadas muito dinâmicas dos fiéis, dos sacerdotes e, principalmente, dos ídolos que seriam adorados naquele dia.

Na entrada do templo, havia uma comissão de recepção, paramentada com vestes litúrgicas próprias. Essas pessoas eram responsáveis pela purificação dos fiéis, que, conhecendo o ritual, aproximavam-se dos recepcionistas, erguiam os braços e deixavam-se roçar pelas mãos ágeis dos membros da comissão de recepção. Muitos traziam objetos impuros, e eram convidados a abandonar as impurezas antes de entrar. Todas as pessoas obedeciam sem reclamar, temerosas de que, manifestando-se ali, poderiam perder a chance de participar do culto.

O altar

A posição de todos os lugares no templo convergia para o centro. Lá estava montado um altar, também decorado e paramentado para o momento sublime. Poucos se atreviam a pisar ali. De vez em quando, algumas crianças com vestes brancas aproximavam-se do altar, passavam um pano no solo sagrado, como que secando ou lustrando o que já parecia impecável. Havia inclusive uma grade de proteção ao redor de todo o altar e poucas pessoas circulavam no interior desse espaço.

Entre o altar e a grade, havia alguns quadros com imagens das divindades que sustentavam os ídolos. Havia ainda um púlpito, de onde o sacerdote principal conduziria a liturgia. Algumas cadeiras perfiladas e as câmeras de filmagem completavam o cenário.

O altar era dividido em lados iguais, separados por uma espécie de rede, que impedia a passagem de um lado para o outro. Todos os fiéis sabiam que ali os ídolos se enfrentariam e rezavam de diferentes maneiras para que os mais amados vencessem.

Os oficiais

Os oficiais eram muitos, cada um com uma função distinta. A hierarquia entre eles era definida pela posição e pelos instrumentos litúrgicos que usavam. O sacerdote principal ficava no único púlpito existente. Dali, tocava um instrumento estridente e fazia gestos solenes para os ídolos. Todos os gestos e sons eram facilmente identificados e aceitos pelos ídolos e pelos fiéis. Em oposição ao sacerdote principal, do outro lado do altar e sem púlpito, ficava o segundo sacerdote, exercendo praticamente as mesmas funções do seu superior, porém, sem poder de decisão final.

Quatro auxiliares, um em cada ponta do altar, comunicavam-se com o sacerdote principal através de gestos litúrgicos e pequenos panos vermelhos. Havia também crianças, que eram responsáveis por secar, limpar e alcançar o objeto sagrado para os ídolos.

O mestre de cantos dificilmente se aproximava do altar; ficava mais próximo dos fiéis, puxando os cantos e as danças litúrgicas sempre que autorizado a fazê-lo.

Os objetos sagrados e a glória

Um dos objetos sagrados era circular, inflado, feito com material sintético. Havia muitos desses objetos no altar e ao redor dele, sendo que um deles sempre estava com os ídolos, passando de mão em mão. A queda do objeto sagrado no seu lado significava uma pequena perdição para aquele grupo. Cada grupo de ídolos podia tocar três vezes no objeto antes de arremessá-lo para o outro lado do véu. Um pouco antes do final do culto, o sacerdote principal determinaria quem ficaria na perdição total e quem ficaria com toda a glória.

A glória era representada por outro objeto sagrado, feito de ouro, e por pequenos medalhões também feitos de ouro. Durante toda a cerimônia, eles estavam ocultos, sendo mostrados somente na hora da entrega, na liturgia de encerramento.

A celebração

A entrada dos ídolos levantou os fiéis, que os louvavam com palmas, cantos, danças. Eles saíram da sacristia, dirigiram-se ao centro do altar, deram-se as mãos em fileira e saudaram os

fiéis. Sorrisos de alegria, lágrimas de emoção, olhares brilhando de felicidade caracterizaram aquele momento sublime para todos. Os ídolos se dividiam em dois grupos e cada um deles usava vestes litúrgicas iguais, porém de cores diferentes.

Os fiéis tinham predileção por um grupo de ídolos e rezavam, cantavam, dançavam para que esse grupo ficasse com a glória e o outro com a perdição. Todos os fiéis acreditavam que sua participação influenciaria na sentença final. Por isso, obedeciam religiosamente ao comando do mestre de cantos, sempre que autorizado, a conduzir os fiéis num hino de louvor, adoração e dança litúrgica.

Os 30 minutos iniciais foram dedicados a um cerimonial introdutório. Esse consistiu-se de orações e gestos individuais e coletivos dos ídolos, no altar, e de cantos, danças e gestos litúrgicos dos fiéis. O ápice da liturgia de entrada foi a execução de dois hinos solenes, durante os quais, oficiantes, ídolos e fiéis permaneceram imóveis e calados ou cantaram fervorosamente.

Depois, aconteceu a apresentação dos oficiantes e também dos ídolos, que se perfilavam no altar à medida que iam sendo chamados pelo mestre de cantos. A cada nome citado, os fiéis levantavam, aplaudiam, assoviavam, gesticulavam e movimentavam seus adereços litúrgicos, saudando e louvando os ídolos de sua adoração.

Depois, todos assumiram seus lugares no altar ou ao redor dele. Um grupo de ídolos de um lado do véu e outro, do outro lado. O sacerdote principal também assumiu seu lugar e, com um gesto solene e ao som estridente de um instrumento, autorizou os ídolos a iniciarem o momento mais esperado, o ponto alto do culto. Foram duas horas de emoção, alegria, tristeza, sofrimento, tensão, alívio, cantos, gritos, danças litúrgicas, num envolvimento total de todos ali presentes.

No altar, os ídolos se esforçavam para evitar que o objeto sagrado caísse. De ambos os lados, eles pulavam, rolavam, comunicavam-se através de palavras e sinais e abraçavam-se quando o objeto sagrado caía no lado oposto. Também os fiéis pulavam, gritavam, aplaudiam ou se desesperavam e ficavam aflitos sempre que o objeto sagrado caía.

Durante todo o culto, desde os preparativos até o último momento, a ceia era distribuída por dezenas de pessoas que circulavam livremente pelo templo. Havia pães de diferentes tipos e líquidos também variados, embora o mais querido fosse o do grande deus do norte, que vinha em jarras de plástico e era distribuído liturgicamente a quem dele quisesse beber. A distribuição da ceia era precedida por um ofertório, que mesmo sendo obrigatório, era dado com alegria por cada pessoa que recebia a comida e a bebida naquele momento.

No altar, de tempos em tempos, os ídolos também se reuniam em torno de um sacerdote para orar e receber a ceia. Lá, no entanto, dava-se prioridade à bebida, servida em pequenos copos individuais, e algumas frutas. Os ídolos não participavam do ofertório. Era como se recebessem diretamente dos deuses a comida e a bebida para aquele momento. De certa forma, parte do ofertório dos fiéis contribuiria, depois, para a ceia dos ídolos.

A liturgia de encerramento

Ao terminar o momento mais esperado, os ídolos adorados pela multidão de fiéis perderam para o outro grupo. A decepção foi geral; todos os fiéis estavam tristes. Olhavam-se, tentando entender o que havia acontecido.

Enquanto os ídolos se dirigiram para a sacristia, o altar recebeu novos elementos para a liturgia de encerramento. A rede foi retirada e foram colocados tapetes vermelhos e dois tablados, sendo um deles um pouco mais alto que o outro. Também os objetos sagrados de ouro e prata foram trazidos para o altar.

Os ídolos retornaram com outras vestes e todos receberam um medalhão de ouro ou de prata. Os vencedores receberam o objeto maior; passaram-no de mão em mão, erguendo-o em sinal de alegria pela vitória.

O mestre de canto tentava animar a multidão, lembrando que o grupo de ídolos que perdeu já teve muitos outros momentos de glória, mas isso pouco importava naquele momento.

Terminada a cerimônia, as oito mil pessoas foram se retirando do templo. Restaram umas oitenta, talvez, que acompanhariam o segundo culto, no qual estariam no altar ídolos de outros lugares, disputando objetos sagrados menos importantes.

A análise

*O esporte funciona um pouco como uma religião.*²

Sem pretender idolatrar ou demonizar o evento esportivo em si, optei por descrever o rito acima sob a forma de um culto, com o objetivo de relacionar a nomenclatura de um rito denominado *sagrado* com os objetos, gestos, momentos e espaços de um rito *profano*. Segundo Hellern; Notaker e Gaarder, culto, “nas ciências das religiões é um termo coletivo que designa todas as formas de rito religioso. O culto promove o encontro com o sagrado, e por isso costuma ser realizado em lugares sagrados (templos, mesquitas, igrejas), nos quais há objetos sagrados (fetiches, árvores sagradas, altares)”.³ Se o esporte funciona um pouco como uma religião, a reunião de torcidas em eventos esportivos pode ser comparada a um culto e ele acontece nos templos do esporte, os grandes ginásios e estádios.

O rito descrito acima foi a final da Copa América de Vôlei, ocorrida no Ginásio de Esportes Celso Molmbach, em São Leopoldo. Jogaram a seleção brasileira contra a seleção dos Estados Unidos. A partir da descrição, destaco a seguir os elementos característicos do rito, segundo Rivière,

Conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentais numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito.⁴

Na descrição do jogo feita acima, podemos distinguir, no mínimo, três conjuntos de ritos individuais e coletivos: os da torcida, os dos jogadores e os da arbitragem. O conjunto de ritos das pessoas espectadoras é marcante desde a entrada no ginásio: a fila, a passagem na catraca, a revista da segurança, a procura de amigos no ginásio, a participação nos cantos e danças, os

² RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis. Vozes. 1997. p.210

³ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor e NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo. Companhia das Letras. 2000. p. 25

⁴ RIVIÈRE, 1997, p.10-11.

aplausos e suspiros quase uníssonos em cada ponto. Por parte dos jogadores, esses ritos são ainda mais marcados, com a entrada em quadra, a saudação ao público, o aquecimento, o posicionamento em quadra, a comemoração após cada ponto. O mesmo pode-se dizer dos juízes, bem como dos bandeirinhas e gandulas.

Muitas dessas condutas eram codificadas: Ficar em pé e em silêncio, como sinal de reverência diante das bandeiras e dos hinos nacionais. No caso do vôlei, em que se executa apenas 40 segundos de cada hino nacional, já é uma conduta globalmente divulgada que a torcida canta a primeira estrofe do hino brasileiro até o final, à capela. Outra conduta codificada é a agitação da torcida nos pedidos de tempo. O som forte, grave e repetitivo de um tambor, ainda amplificado pelas caixas de som do ginásio, fazia a torcida bater duas palmas e erguer o braço direito com os punhos cerrados, conclamando os jogadores brasileiros à vitória. A vaia, quando a seleção dos EUA sacava, procurava desestruturar o sacador. Em quadra, a maioria das condutas era codificada: os apitos e gestos dos juízes; a preparação da jogada; as instruções dos técnicos.

A base corporal e o caráter repetitivo das condutas são as características mais evidentes nesse rito de aproximadamente quatro horas de duração. Além dos gestos e atitudes citados acima, vale destacar a *ola*^{*}, da qual toda a torcida participa com muito entusiasmo. Durante a *ola*, cada pessoa é assistente, quando a onda humana está do outro lado do ginásio, e participante, quando chega a sua vez de se levantar. É um espetáculo onde as pessoas são protagonistas e assistentes ao mesmo tempo.

Penso que há uma carga simbólica muito grande quando, após cada ponto, todos os jogadores em quadra se abraçam e batem as palmas das mãos uns dos outros. Da mesma forma, uma cortada forte e certa possui uma carga simbólica importante para quem joga e também para quem assiste. Não é à toa que se fala em *enterrar* a bola no campo do adversário. De alguma forma, enterra-se junto a equipe adversária e recupera-se a energia na sua própria equipe. Por parte da torcida, chamou-me a atenção o gesto e o som quando a seleção dos EUA sacava. Toda a torcida estendia os dois braços para frente, mexendo freneticamente as mãos abertas e vaiando simultaneamente. Era uma espécie de energia negativa, uma maldição lançada sobre o jogador adversário.

Naquela manhã de domingo, cada pessoa veio confiante de que sua participação na torcida seria fundamental para a vitória brasileira. Ganhar em quadra era como ganhar na arquibancada. Não eram só seis responsáveis; eram oito mil e seis – ou treze, contando com Bernardinho, o técnico da seleção, e mais os seis jogadores reservas. Ganhar dos EUA e ser campeão era importante naquele dia, ainda mais para quem tinha o prazer de presenciar essa conquista ao vivo, com todos os sentidos, não somente audição e visão. Estar ali naquela manhã era um privilégio que trazia implícito a responsabilidade de empolgar e animar os jogadores.

Por isso, a derrota brasileira foi um golpe difícil de ser assimilado. O animador da torcida, sentindo esse golpe, tentava animar as pessoas, lembrando de títulos anteriores conquistados pela mesma seleção que naquele momento ganhava a medalha de prata. No entanto, os aplausos contidos durante a entrega das medalhas revelavam a frustração generalizada. Como disse Carlos Drummond de Andrade, “Sofremos não porque o nosso time perdeu, mas pela alegria sufocada.” De fato, todas as condutas citadas acima tinham como fim maior a alegria da vitória, o grito – e o sentimento – de *campeão*, que ficou preso na garganta.

* Movimento de levantar, erguer os braços e, depois, sentar de forma sincronizada, uma pessoa após a outra na arquibancada e que, no conjunto, dá a impressão de uma onda no mar.

De qualquer forma, ganhando ou perdendo, quem esteve naquela manhã no ginásio saiu dali com a sensação de ter participado de algo grandioso e importante. O ambiente, as cores, as luzes, os sons, a movimentação constante, a vibração a cada ponto, as explosões de alegria e de tristeza, todo esse conjunto de elementos fez com que as pessoas saíssem do ginásio com a sensação de que fazem parte de algo maior, afirmando, assim, sua identidade coletiva.

Era domingo. A menos de 200 metros do ginásio de esportes, duas igrejas badalaram seus sinos, por volta de 9h ou 10h da manhã, convidando os fiéis para o culto dominical. Dentro do ginásio, porém, as pessoas só ouviam o som ensurdecido das músicas, a voz do homem contratado para animar a torcida ou os gritos da própria torcida. Naquela manhã, oito mil pessoas encontraram no ginásio de esportes o local para fortalecer-se, individual e coletivamente, e sentir-se inseridas numa comunidade em que o prazer, a alegria, o encontro acontecem. E em todo o Brasil, milhões de pessoas, graças à transmissão “ao vivo” da Rede Globo de televisão, sentiram-se participantes do evento e também não ouviram o convite das igrejas. Esse fato explica o apelo do Papa João Paulo II. Num dos seus sermões dominicais, ele sugeriu que se realizassem menos eventos esportivos de massa nos domingos de manhã, pois estes estariam tirando os fiéis das missas. Poderíamos questionar quem de fato está tirando os fiéis das igrejas. Ao que parece, o poder do rito, do encontro, da celebração continua mobilizando as pessoas. Talvez algumas igrejas devam avaliar o que estão oferecendo para que as pessoas optem por este ou aquele templo; por este ou aquele rito, por este ou aquele culto.

A Reflexão

Durante a descrição do espetáculo, relacionei diferentes características do jogo de vôlei com o culto. Destaco alguns deles abaixo, tecendo alguns comentários com o objetivo de suscitar novas reflexões, e não o de trazer respostas prontas.

A confraternização na chegada: Era bonito de ver as pessoas reunidas, conversando animadas, antes do jogo. Em toda parte via-se grupinhos se formando, com gente se abraçando e convivendo animadamente. Se penso nos muitos cultos que já participei em diferentes lugares, não é raro que as pessoas chegam, cumprimentam uma ou duas, e sentam-se caladas esperando o culto começar. Muitas chegam quando o sino já está tocando. Também já vi comunidades que oferecem chá logo após o culto. Deixo a pergunta: será que esse momento de confraternização com chá não poderia acontecer antes do culto?

Vestes e gestos litúrgicos: Todas as pessoas sabem para que servem o apito, os gestos do juiz, dos jogadores; todas se identificam com as cores das equipes, com os uniformes dos jogadores e assim por diante. Penso que ainda temos um grande desafio nas comunidades que é o de mostrar aos membros o profundo sentido dos gestos, dos cantos, das vestes e dos paramentos litúrgicos. Se o ato de levantar-se na hora da leitura do Evangelho, por exemplo, não for um gesto de respeito à Boa Nova que vem Deus, ele perde seu sentido e torna-se um movimento mecânico e incômodo até, pois é mais confortável ficar sentado neste momento.

Ensaio de cantos e danças: Havia uma pessoa especialmente preparada e destacada para ensaiar cantos e gritos de ordem, além de coreografias empolgantes, como a ola, por exemplo. E todas foram repetidas muitas vezes durante o jogo. O canto é elemento essencial em nossos cultos. A música é parte constitutiva de nossa religiosidade. No entanto, ele nem sempre é valorizada no sentido de preparação e valorização das pessoas que atuam nessa área em nossas

comunidades. Sobre a questão da dança litúrgica, ainda temos muito que refletir, descobrir e exercitar.

A preparação do templo: Tudo naquele ginásio levava as pessoas a se sentirem atraídas para o que iria acontecer na quadra. Não quero defender aqui grandes mudanças nos nossos templos, mas penso que cabe valorizar cada detalhe que auxilie as pessoas a se sentirem tocadas durante o culto. Conforme já mencionei acima, importa também oferecer aos membros momentos de formação onde cada pessoa possa construir sentido sobre todos os elementos visíveis que fazem parte de um culto.

Os oficiantes eram muitos: Acredito que estamos saindo de uma estrutura de igreja – e de culto – centrada no pastor ou na pastora. Mas ainda temos muito a construir nesse sentido. O culto comunitário é momento de participação de diferentes pessoas, com dons específicos. As equipes litúrgicas, já presentes em diferentes comunidades, podem auxiliar a fazer do culto um momento em que diferentes dons são valorizados e incluídos em momentos específicos.

Pessoas de todas as idades: Todas as pessoas que estavam no ginásio participaram ativamente o tempo todo. Em nenhum momento alguém ou algum grupo foi convidado a se retirar para um espaço reservado por qualquer motivo que fosse. Todas compreenderam a seu modo o que estava acontecendo. Penso que esse seja o grande desafio que temos em nossas comunidades: fazer com que todas as gerações participem ativamente (e alegremente) do culto do início ao fim. Se o culto é a reunião de todos os membros e de todos os grupos da comunidade, não há como sustentar que um grupo específico – refiro-me aqui ao grupo das crianças – tenha que se retirar em determinado momento do culto porque não lhe cabe estar ali. Se isso acontece, o problema não está com as crianças e sim com a formatação do culto.

Esses são alguns aspectos que merecem nossa reflexão se queremos fazer do culto da comunidade cada vez mais um espaço de reflexão, louvor, oração, participação, crescimento pessoal e comunitário. E, principalmente, se entendemos o culto como um momento especial em que Deus se encontra com seu povo, fortalecendo-o para ser testemunho da sua vontade e do seu amor.

Referências

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis. Vozes. 1997.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor e NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo. Companhia das Letras. 2000.

[Recebido em: maio de 2012 /
Aceito em: junho de 2012]